

# Trabalho de Campo com Bertha Becker: Reminiscências de Experiência Compartilhada

## Fieldwork with Bertha Becker: Reminiscences of Shared Experience

Mariana Miranda<sup>i</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de campo sempre se constituiu elemento essencial na pesquisa geográfica, e Bertha Becker sempre valorizou esse instrumental nas suas atividades de pesquisa. Conciliar o empírico com o teórico foi uma de suas preocupações e, nesse sentido, a busca da informação primária representava uma constante nos seus trabalhos e nos inúmeros projetos que desenvolveu com a participação de colegas e alunos de graduação e pós-graduação.

O objetivo deste depoimento é trazer memórias dessa vivência compartilhada em muitas décadas, destacando o espírito dominante em todos os momentos em que o trabalho de campo era realizado.

Esse espírito está profundamente enraizado naquilo que podemos apontar como características de sua personalidade: vida e animação por tudo que está à sua volta; ânsia na busca, apreensão e compreensão dos fatos; sensibilidade para captar os acontecimentos, o seu verdadeiro conteúdo; coragem para aceitar e enfrentar desafios e grande capacidade de trabalho.

Não é possível detalharmos aqui todos os acontecimentos vivenciados em comum nos inúmeros momentos que compartilhamos a experiência de campo. Destacaremos alguns considerados significativos e os aspectos a eles relacionados, seja em atividades ligadas diretamente à Universidade ou em atividades externas.

O ponto de partida de nossas reminiscências é o início dos anos 1970, antes do ciclo amazônico. Tratava-se do estudo da Bacia Leiteira do Rio de Janeiro, a área selecionada para a excursão foi o eixo mineiro da Rio-Bahia, com destaque para as suas áreas produtoras e distribuidoras de leite e derivados e foco em Governador Valadares e Teófilo Otoni.

Toda uma busca de conhecimento preliminar da área foi empreendida para elaboração de questionários e traçada a logística. Já não mais havendo a camionete do CPGB (Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil), fez-se necessário alugar uma Kombi para levar os oito integrantes da equipe, da qual faziam parte cinco alunos da graduação. O primeiro desafio para testar a disposição da equipe surgiu quando a camionete quebrou bem antes da chegada ao destino. Não havendo possibilidade de conserto no local, o jeito foi convencer um caminhão a nos rebocar até Teófilo Otoni. Lá chegando, para que a equipe não ficasse parada, enquanto aguardava a chegada de outro carro, o tempo foi utilizado para contatos com as instituições locais em busca de apoio e informações do quadro regional.

---

<sup>i</sup> Professora Adjunta, pesquisadora do Laboratório de Gestão do Território – LAGET. cymamiranda@gmail.com

Levantamento de dados, entre eles as linhas de leite, aplicação de questionários com diferentes categorias de produtores leiteiros, entrevistas em Cooperativas foram as atividades em que todos se empenharam, estimulados por Bertha, para alcançar os objetivos propostos para a pesquisa nos lugares visitados.

A partir do fim dos anos 1970, começou toda uma nova experiência, naquilo que podemos chamar de ciclo amazônico, que durou 30 anos. Foram muitas as áreas pesquisadas: Norte de Goiás (Tocantins), Transamazônica, Norte de Mato Grosso, Sul e Sudeste do Pará, Rondônia, Corredor da Estrada de Ferro Carajás (Pará-Maranhão), Serra Pelada, Alto Solimões-Javari: Tabatinga, Benjamim Constant, Letícia (Colômbia), São Gabriel da Cachoeira (Rio Negro), Santarém, Parintins, Amapá.

Para todas essas viagens havia uma dinâmica comum no que tange à preparação, ou seja, definição da área, seu conhecimento preliminar, objetivos e questões de campo específicas, formulação de questionários, tópicos para entrevistas e busca de apoio logístico. Nessa fase, havia não só o trabalho em equipe, como no caso da preparação dos questionários, que constituía momento de grandes discussões na busca da forma ideal, nunca conseguida, mas sempre perseguida, como a divisão do trabalho no que se refere à busca pelo apoio logístico tanto para hospedagem como para a locomoção. Muitos foram os parceiros que, com persistência, foram solicitados e nos permitiram vivenciar todas essas experiências de campo: DNER, INCRA, Cia. Vale do Rio Doce, governos estaduais e prefeituras e Exército Brasileiro.

Um aspecto importante dessa experiência compartilhada que pode ser destacado é o encontro ao fim do dia de trabalho. Podemos dizer que era o momento simultaneamente de descontração, prestação de contas e avaliação do dia. Naquela hora, eram relatados os resultados obtidos, as dificuldades encontradas, avaliada a aplicação dos questionários e sugeridos itens para o relatório. Tudo isso de forma descontraída em torno de uma mesa, antecipando o jantar e acompanhado de uma caipirinha e/ou cervejinha.

Muitos foram os enfrentamentos pelos quais, com Bertha, tivemos de passar ao realizar entrevistas, na busca da informação, seja com grandes proprietários, madeireiros e até mesmo políticos.

As reminiscências não dizem respeito somente às “aventuras amazônicas” nem apenas ao contexto dos projetos por ela coordenados na Universidade. Nestes, merecem referência as pesquisas realizadas na região do Vale do Paraíba, vinculadas ao Projeto Tecnologia e Gestão do Território, muito enriquecedoras para todos que participaram.

Nas excursões aos Congressos, Bertha manifestava sempre seu aspecto inquiridor e não perdia a oportunidade de realizar entrevistas para captar a realidade local. Foi assim, em 1977, quando participávamos do Congresso em Paipa, Colômbia, e estivemos em Villavicencio, nos Llanos Orientais. Indagando a um cidadão local sobre a cidade, seu crescimento, suas atividades, Bertha formulou a pergunta que a inquietava: “Qual a atividade primordial de Villavicencio?”. A resposta veio de forma simples e concreta: “maryjuana”. Diante de tal objetividade, em que nada mais precisava ser dito ou inquirido, finalizamos nossa improvisada pesquisa de campo em Villavicencio.

Essas experiências aqui retratadas e compartilhadas com Bertha expressam, para nós, sua inquietude, sua persistência na busca de informações as mais completas e sua preocupação com as questões com as quais deparava nas pesquisas e para as quais o trabalho de campo foi sempre fundamental.



Foto1 – Grupo Trabalho de campo no Amapá – St. George d’Oiapoque, Guiana Francesa. Da esquerda para a direita: Júlio Valério, Philippe Lena, Mariana Miranda, Bertha Becker (Out./2002). Arquivo particular – Mariana Miranda.



Foto 2 – Bertha – Trabalho de Campo em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro (Jul./2006). Arquivo particular – Mariana Miranda.

Recebido em: 27/11/2012

Aceito em: 15/12/2013

